



VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



SUICÍDIO E COMPROMISSO SOCIAL: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA DE KARL MARX

Arthur Miguel Pedri Gomes¹
arthur.mpg@gmail.com

Janine Moreira²
jmo@unesc.net

Introdução

As perspectivas que tentam explicar (é possível explicar?) o suicídio, muitas vezes o fazem de maneira individualizante e unificada. Falham ao não reconhecerem a trama complexa em que o sujeito se insere. Ao falarmos de suicídio, temos que superar a mera culpabilização.

O suicídio não é apenas uma escolha individual, é também resultado de fortes implicações sociais. Karl Marx (1818 – 1883) já nos indicava isso. Frente a números alarmantes de suicídios na França e detendo informações presentes no livro de memórias de Jacques Peuchet (1758 - 1830), Marx utilizou de excertos de Peuchet para pôr o debate em movimento e escrever um ensaio: “Sobre o suicídio”. Nele, Marx responsabiliza a sociedade pelo suicídio, mais especificamente, a sociedade capitalista.

Antes de tudo, é um absurdo considerar antinatural um comportamento que se consuma com tanta frequência; o suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas. O que é contra a natureza não acontece. Ao contrário, está *na natureza de nossa sociedade* gerar muitos suicídios, ao passo que os tártaros não se suicidam. As *sociedades não geram todas, portanto os mesmos produtos*; é o que precisamos ter em mente para trabalharmos na reforma de nossa sociedade e permitir-lhe que se eleve a um patamar mais alto (MARX, 2011, p.25).

¹ Psicólogo, formado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

² Psicóloga, Mestre em Sociologia Política e Doutora em Educação; Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

Organização:



Apoio:





VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



Marx reconhece a miséria como grande precipitador, sem negar que o suicídio pode “atacar” todas as classes sociais, e denuncia a família como instituição que sustenta a opressão, através de sua organização patriarcal.

Uma Sociedade Opressora

O referido ensaio apresenta quatro histórias para ilustrar o suicídio. Em três delas, o suicídio foi cometido por mulheres. Marx se apropria desses relatos para pensar o papel que a mulher desempenha em nossa sociedade. Chega a comparar a relação “marido-mulher” ao conflito de classes, em que a mulher representa o proletariado e o marido, a burguesia. Assim, conecta de forma indissociável o patriarcado e o capitalismo. Vemos nesse ensaio um Marx preocupado com as relações mais íntimas da sociedade. Para ele, o suicídio é consequência de uma sociedade opressora, e que não se responsabiliza pelas consequências de sua própria organização. Um exemplo é quando Marx denuncia a estratégia de diminuir os casos de suicídio por meio de penalidades injuriosas e pela infâmia daquele que comete suicídio: a culpabilização e estigmatização como política de prevenção (MARX, 2011).

O próprio materialismo histórico-dialético sustenta esses apontamentos. Alexei Leontiev, por exemplo, elabora a consciência como um reflexo da realidade interpretada pelas significações linguísticas. Exatamente por isso, a consciência individual só pode existir nas condições da consciência social. Assim, uma das heranças de Marx é a contribuição na compreensão dos sujeitos sobre os processos que lhes fazem desejar e, por vezes, buscar a própria morte (NETTO; CARVALHO, 2018).

Um Debate Esvaecido

Olhando-se para a atualidade, dois importantes dados estão presentes em duas cartilhas produzidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS): “Prevenção do Suicídio – Um recurso para conselheiros” e “Prevenção do Suicídio – Um manual para profissionais da mídia”, de 2006 e 2000, respectivamente. Ambas as cartilhas encontradas

Organização:



Apoio:





no *site* brasileiro da OMS são muito similares em sua abordagem e ilustram o caminho que a prevenção do suicídio tomou em nosso mundo. Apresentam um alinhamento quando o assunto é o discurso biomédico. As informações são divulgadas dentro de uma premissa de “neutralidade científica”. O suicídio aparece tão relacionado a patologias que, ao final da leitura das cartilhas, fica a impressão do suicídio como uma patologia em si. É inegável a incidência de suicídio na população que sofre com algum tipo de psicopatologia, mas também é interessante ver como essa informação é apresentada como um fim-em-si e não como um dado para o debate das implicações sociais. Dito isso, as cartilhas reconhecem que os fatores sociais existem, mas os colocam em segundo plano. Apresentam mais preocupação em evitar que o suicídio aconteça do que em alterar as condições que formaram essa inclinação ao suicídio. Ou seja, apesar de apontar a necessidade da responsabilização social, o próprio texto não a faz. Um ótimo exemplo está no “Manual para profissionais da mídia”, nele, é feita uma lista de “dicas” de como notificar casos de suicídio. Duas delas me chamaram muito a atenção:

- Deve-se abandonar teses que explicam o comportamento suicida como uma resposta às mudanças culturais ou à degradação da sociedade. [...]
 - [...] particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. [...]
- (OMS, 2000, p.7. Grifos meus).

Albert Camus (2021) afirma que só há um problema filosófico verdadeiramente sério, e esse é o suicídio. Ele coloca essa escolha no centro da experiência humana, possibilitando também uma perspectiva sobre a escolha de vida e de viver. Uma escolha que fazemos a cada momento, mas não a percebemos como escolha.

Pensar sobre isso é buscar uma desalienação de nossa própria relação com esse fenômeno. Como temos olhado para isso?



VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



Considerações Finais

A escuta política pode facilmente se perder na coletividade de lutas populares e acabar por essencializar experiências de vida. Ao mesmo tempo que, se negarmos essas lutas, caímos na sustentação do modelo hegemônico atual, extremamente desigual. Como todo objeto na ciência humana, estudar o suicídio por essas vias é estudar uma complexa trama de significados e significantes. Intrincados e implicados.

Ficam aqui alguns questionamentos que (espero) continuarão a reverberar. São esses os objetivos de uma pesquisa como esta: produzir questionamentos. Com base no que já foi trazido, o modelo que temos é a melhor forma de abordar um suicídio? E mais, é assim que, de fato, é abordado? Na prevenção ao suicídio, o discurso da saúde mental reina e o objeto suicídio torna-se coadjuvante. Na obra de Marx, encontramos uma complexa trama que aponta para o suicídio como um compromisso social, contextualizando-o na materialidade da própria sociedade em que ele acontece.

Referências

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**; Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, Nilson Berenchtein; CARVALHO, Bruno Peixoto. Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a Compreensão da Morte de Si. In: MARQUETTI, Fernanda (Org.). **Suicídio: Escutas do Silêncio**. São Paulo: Editora Unifesp, 2018. p. 23-62.

Organização Mundial de Saúde. OMS. **PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: UM MANUAL PARA PROFISSIONAIS DA MÍDIA**. Genebra: OMS, 2000. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acesso em 18 out. 2021.

Organização Mundial de Saúde. OMS. **PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: UM RECURSO PARA CONSELHEIROS**. Genebra: OMS, 2000. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf>. Acesso em 18 out. 2021.

Organização:



Apoio:

